

#105 Comportamento do alvéolo pós-extracional a um material aloplástico – Estudo comparativo



Mariana Guerreiro e Silva*, André Chen, Helena Francisco, Lino Cerejeira, João Caramês, Joana Fialho

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu Centro de Estudos em Educação Tecnologias e Saúde

Objetivos: O objetivo deste estudo é comparar as alterações clínicas e volumétricas de alvéolos pós-extracionais com e sem regeneração óssea com o enxerto ósseo sintético de Fosfato de Cálcio bifásico. **Materiais e métodos:** Os participantes foram atribuídos para um dos dois grupos, no dia da cirurgia, com 16 dentes anteriores divididos igualmente em dois grupos. A regeneração óssea foi testada pela aplicação de um enxerto ósseo sintético com fosfato de cálcio bifásico, enquanto a cicatrização natural foi o grupo controlo. A avaliação clínica incluiu fotografias intra-orais e uma impressão em alginato. O exame 3D consistiu num scaneamento extra-oral dos modelos de gesso obtidos para gerar arquivos 3D tessellations. Realizou-se uma comparação entre as dimensões vestibulolinguais inicial e final usando Cloud-CompareV2 (versão 2.6.1 [software GPL], 2019), medindo as dimensões inicial e final de ambos os grupos em 5 locais diferentes (perda de 2, 3, 4, 5, 6 mm medido de coronal para apical do alvéolo pós-extracional). As consultas de acompanhamento foram realizadas nos dias 7, 14 e 3 meses de pós-operatório. **Resultados:** Para o teste t, houve uma perda significativamente maior no grupo de controlo, com valores de $p=0,029$, $0,045$ e $0,041$ para as três primeiras medições, respectivamente. Considerando-se que esses p-valores são $< 0,05$, existem diferenças significativas em relação à perda dimensional entre os dois grupos, descartando, assim, a nossa hipótese nula. Dados os resultados apresentados, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos teste e controle nas três primeiras medições (H2, H3, H4), dado que a modelação tecidual é um processo bastante rápido. No entanto, as duas últimas medições, sendo estas mais apicais no alvéolo, apresentaram p-valores $> 0,05$. **Conclusões:** Os alvéolos regenerados com o enxerto ósseo sintético de Fosfato de Cálcio bifásico sofreram redução da perda de volume no contorno do alvéolo, sendo eficaz na preservação da crista alveolar. No entanto, há um número limitado de estudos sobre este material de regeneração óssea, expondo assim a necessidade de mais ensaios clínicos randomizados avaliando o seu efeito na regeneração óssea. Devido ao tamanho da amostra e curto período de acompanhamento, não é possível aplicar à população em geral. <http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.567>

#106 Influência do café durante clareamento na alteração de cor, percepção visual e satisfação



Leticia Monteiro Peixoto*, Isabela Roque Magalhaes, Paula Ribeiro Corrêa Pagani, Ana Paula Albuquerque Guedes

Universidade de Vila Velha, Universidade Federal do Espírito Santo

Objetivos: O objetivo deste trabalho foi avaliar, in vivo, a influência do consumo diário de café em diferentes frequên-

cias na alteração de cor do clareamento dental caseiro ao término de cada semana e 2 semanas pós-tratamento, além de avaliar a sensibilidade, a satisfação pessoal e a percepção visual pós-tratamento clareador. **Materiais e métodos:** Foram utilizados 3 grupos com 10 pacientes cada, onde o Grupo 1 não bebeu café, o Grupo 2 bebeu café uma vez ao dia, e o Grupo 3, três vezes ao dia. Todos foram submetidos ao clareamento caseiro com peróxido de carbamida a 16%. Foi realizada uma tomada de cor de todos os participantes antes de iniciarem o tratamento, ao fim de cada semana durante 4 semanas, e depois de 2 semanas após término do tratamento. A tomada de cor foi realizada com o aparelho espectrofotômetro VITA Easyshade®. Foram aplicados questionários sobre a sensibilidade, percepção visual e satisfação pessoal. **Resultados:** A análise estatística foi realizada com teste não-paramétrico. Com relação a alteração de cor observou-se que não houve diferença significativa nos resultados dos pacientes que consumiram ou não café diariamente, entretanto, houve uma pequena taxa de recidiva de escurecimento da cor final mensurada para a cor mensurada após 2 semanas. Com relação a sensibilidade foi constatado que 50% dos participantes do Grupo1 e 10 % dos participantes do Grupo2 e Grupo3 sentiram sensibilidade forte. Com relação a percepção visual 57,14% dos participantes que consumiram café 3x ao dia perceberam que a cor de seus dentes estava diferente da cor mensurada com o aparelho espectrofotômetro versus 42,86% dos participantes que não consumiram café. Com relação a satisfação pessoal constatou-se que 100% dos pacientes que consumiram café durante a pesquisa relataram que estavam satisfeitos e que refariam o tratamento após 1 ano, e apenas 80% dos participantes que não consumiram café relataram que refariam o tratamento. **Conclusões:** Concluiu-se que o consumo de café durante o clareamento caseiro até 3 vezes ao dia não interfere na cor obtida com o clareamento, não sendo necessário sua suspensão, todavia no período de preservação até 14 dias, é interessante, suspender o uso do café. Além disso os pacientes que consumiram o café finalizaram o tratamento mais satisfeitos, porém, visualmente, estes viam seus dentes diferentes da cor real atingida. O consumo de café não tem relação com aumento de sensibilidade.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.568>

#107 Efeito de pastas dentífricas com carvão ativado na cor e microdureza do esmalte dentário



Catarina Oliveira, Mariana Dimas, Jaime Portugal, Ana Filipa Chasqueira*

Faculdade de Medicina Dentária Universidade de Lisboa

Objetivos: Avaliar, laboratorialmente, a influência da escovagem bi-diária com duas pastas de dentes com carvão ativado, na cor e na microdureza do esmalte, em três tipos de dentes ao longo do tempo. **Materiais e métodos:** Oito incisivos, oito caninos e oito pré-molares foram divididos em seis grupos experimentais: três grupos foram escovados com a pasta da Primark durante dois meses e os outros três grupos com a pasta do Celeiro. A microdureza do esmalte foi medida às 0 horas, 2 semanas, 1 mês e 2 meses, com um microdurómetro